Entre outros autores, Franchi / Negrão / Viotti (1998: 107) contrastaram *apresentação* e *predicação*, diferença que estou acolhendo aqui. A esse respeito, eles afirmaram:

> na predicação [...] o sujeito se interpreta como referindo-se a um indivíduo cuja existência é pressuposta no universo do discurso; o sintagma verbal expressa uma propriedade do sujeito, que é, pois, temático. Na apresentação [...], o sintagma verbal denota, essencialmente, a introdução do sujeito no universo do discurso.

A predicação dispõe de várias propriedades semântico-sintáticas, tais como a estrutura argumental (a rede temática, o sistema de casos), as classes acionais, o aspecto, o tempo, o modo, a voz etc. Sobre a estrutura argumental, veja **6.4** e 7.2 a 7.4.

10.2.2.1.3. Classes acionais do verbo

Considerem-se as seguintes sentenças:

(64)

a) *A criança **brinca** no jardim.*

b) *A criança **caiu** do balanço.*

Uma análise intuitiva do sentido lexical dos verbos aí contidos mostra que em (64a) não se requer o término da ação de *brincar* para que ela tenha existência, sendo este um requisito obrigatório para a interpretação de (64b). Por outras palavras, basta que uma criança comece a brincar para que a predicação centrada nesse verbo passe a existir. Dizemos que *brincar* constrói uma predicação imperfectiva, que exclui a pontualidade. Entretanto, para existir, a ação de *cair* tem que ter um começo e um fim quase simultâneos. Dizemos que *cair* constrói uma predicação perfectiva, que exclui a duração.

Essas duas classes semânticas sempre foram reconhecidas na literatura, tendo-se proposto mais de um par de termos para sua designação. Diez (1876 III: 186-187) fala em *verbos imperfectivos* e em *verbos perfectivos*. Bello (1883: 175) propõe o termo *verbos permanentes*, "aqueles cujo atributo subsiste durando", e *verbos desinentes*, "aqueles cujo atributo chegou à sua perfeição". Para Jespersen (1924/1971), o par conceitual *verbos não conclusivos/verbos conclusivos* dá conta dessas classes, denominadas por Sten (1953: 25) *verbos de fase/verbos de ação global*, por Bull (1960: 45-46) *verbos não cíclicos/verbos cíclicos*, e por Garey (1957) *verbos télicos/verbos atélicos*. A última terminologia será adotada aqui. Ela se assenta no grego *télos*, "fim".

O que unifica os verbos imperfectivos/permanentes/não conclusivos/não cíclicos/atélicos é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. É razoável supor que em *brincar* haja um começo da ação, sua continuação e seu término. Não se pode dizer o mesmo de *cair*, em que o começo e o fim da ação coincidem.

Quando foram dados os primeiros passos para o estudo da categoria verbal de aspecto (veja aspecto verbal*), logo se notou que a consideração exclusiva das classes acionais não dava conta dos fatos, como veremos além. Parece que foi Sten (1953) quem deu início aos estudos da relação entre a *Aktionsart* (= classes acionais, segundo Ilari / Basso, 2008a, termo aqui utilizado) do verbo e a flexão em que ele vem conjugado. O linguista dinamarquês observou que os valores semânticos representados nas classes acionais são genéricos, visto que a língua pode deixá-los de lado em determinadas circunstâncias. Exemplificando seu raciocínio a partir dos verbos franceses *jouer* ("jogar") e *se noyer* ("afogar-se"), ele diz que diante de uma ocorrência como:

(65) X se afogava, estava a ponto de afogar-se, mas felizmente uma pessoa o socorreu, de sorte que não se afogou.

qualquer falante, indagado sobre se se pode dizer que "X se afogava", responderá afirmativamente. Isso significa que um verbo télico como *afogar-se* pode receber na sentença uma interpretação imperfectiva, quando conjugado no pretérito imperfeito.

Garey (1957) ponderou que a matéria é mais complexa, pois a resposta à pergunta proposta por Sten dependerá do tempo verbal em que a pergunta foi formulada. Se se perguntar "X afogou-se?", a resposta será "não!", mas se se perguntar "X se afogava?", a resposta será "sim!", o que mostra que, além das propriedades semânticas próprias aos verbos "em estado de dicionário", é preciso levar em conta as propriedades semânticas das diferentes flexões modo-temporais. Ele propôs a realização do seguinte teste:

(66) Se alguém estava -ndo, mas foi interrompido quando -va/-ia, pode-se dizer que -ou ?

Se a resposta for afirmativa, o estado de coisas descrito pelo verbo examinado não precisa de um desfecho para ter existência, e por isso tal verbo integrará a classe dos atélicos. Se a resposta for negativa, o verbo será télico. Portanto,

(66a) Se alguém estava brincando, mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou?

– *Sim, ainda que por pouco tempo, logo **brincar** é atélico.*

(66b) Se alguém estava se afogando, mas foi interrompido quando se afogava, pode-se dizer que se afogou?

– *Não, logo **afogar-se** é télico.*

Uma forma abreviada de aplicar esse teste é restringir-se ao esquema adversativo implícito nas sentenças anteriores. Se o teste construir uma sentença semanticamente aceitável, teremos um verbo télico, se não, um verbo atélico:

(66)

c) **Ele brincava, mas não brincou*

d) *Ele se afogava, mas não se afogou.*

Em suma, não se pode fazer uma descrição aspectual dos verbos se não se tomar em conta como eles foram flexionados. Uma indagação importante aqui será a de verificar a "vocação aspectual das flexões verbais", questão que levantei em Castilho (1968a). Aparentemente, o presente e o imperfeito simples e o gerúndio favorecem a emergência do imperfectivo. As formas de pretérito e o particípio favorecem a emergência do perfectivo. As formas de futuro e as perífrases de *ir* + *-r* parecem bloquear o aspecto, mas tudo isso precisa ser examinado mais de perto.

Enfim, está na hora de estudar as categorias semânticas do verbo, começando pelo aspecto verbal*.

10.2.2.2. Categorias semânticas do verbo

10.2.2.2.1. Aspecto verbal

O aspecto verbal* é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto*, que encerra o radical indoeuropeu **spek*, "ver", capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado de coisas. E você, que está afiado em Linguística Cognitiva, já percebeu que o aspecto é uma das gramaticalizações da categoria visão. É como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete. Os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo resultam desse lance meio esquisito.

Mas voltemos à gramática. O aspecto não dispõe de morfologia própria no português. Para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos, dando uma de cozinheiro. O estudo dos pratos que daí resultou foi constituindo a Aspectologia, especialidade em que é possível reconhecer as seguintes fases históricas:

(1) Uma fase léxico-semântica, durante a qual foram identificadas as classes acionais semântico-aspectuais do verbo, ou classes acionais. Esta perspectiva atribui à semântica do radical verbal as noções aspectuais apuradas. Observações de Diez (1876), Bello (1883), Jespersen (1924/1971), Bull (1960) e ainda os comentários de Sten (1953) e Garey (1957) situam-se nesta perspectiva.

(2) Uma fase semântico-sintática, ou composicional, durante a qual se examina o aspecto como a resultante da combinação das classes acionais do verbo (i) com a flexão e os verbos auxiliares, (ii) com os argumentos do verbo e os adjuntos adverbiais, aqui incluídas as sentenças condicionais-temporais. Nesta perspectiva, o aspecto passa a ser encarado mais claramente como uma propriedade da predicação. Os trabalhos de Castilho (1968a), Verkuyl (1972), Dietrich (1973), Comrie (1976), Almeida (1973/1980), Travaglia (1981), Soares (1987) e Ilari (1998), entre outros, situam-se nesta fase.

(3) Uma fase discursiva, em que se investigam as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos assim constituídos: Hopper (1979a, 1979b), Hopper / Thompson (1980).

Vou fundamentar-me nessas fases para descrever as opções do falante do PB ao codificar o aspecto. Para esse fim, ele precisa (1) escolher um item no léxico marcado pela classe acional requerida por sua necessidade expressiva; (2) confirmar ou alterar a classe acional, por meio de recursos morfológicos e sintáticos; (3) acomodar o aspecto assim configurado na articulação discursiva. Tudo isso acontece simultaneamente.

Embora aspecto e tempo possam ser concebidos como propriedades da predicação, estabelecerei, entretanto, uma forte distinção entre eles, valendo-me de Buhler (1934/1961). Esse autor dividiu os campos linguísticos em simbólico e dêitico. Proporei que o aspecto integra o campo simbólico, e o tempo, o campo dêitico.

Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anteriorioridade, a simultaneidade e a posterioridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele. Se quiser mais argumentos sobre esta posição, leia Bull (1960). No final de seu livro, esse autor reconheceu que, se não conseguiu esgotar o assunto "tempo", pelo menos o assunto o tinha esgotado. Não é sempre que topamos com essa sinceridade na tribo dos linguistas!

O aspecto, em contrapartida, não depende, como o tempo, da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo, aplicando os conceitos desenvolvidos por Bull (1960). O conceito de aspecto é primordial, vale dizer, essa categoria tem a autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica. Assim, não me parece necessário concebê-lo como uma sorte de "tempo interno" da predicação.

Na fase de aquisição da linguagem, primeiro vem o aspecto, como categoria simbólica, e depois o tempo, como categoria dêitica (Lemos, 1987). Esses argumentos foram debatidos num trabalho que escrevi em 1966 (Castilho, 1968a), e ainda em Comrie (1976: 5) e em Lyons (1977/1984 II: 705). Mas parece que foi Jakobson (1957: 134-135) quem primeiro formulou com clareza as diferenças entre aspecto e tempo: "O aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. Assim, o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala".

Hopper (ed. 1982: 12) também foi *por aí, quando reconhece que* "*na construção do estado ou da ação, o aspecto não depende da intervenção do observador*".

Após esta mini-história da Aspectologia, passo a descrever o aspecto, propondo uma tipologia. Sejam os seguintes exemplos:

(67)

a) *Você primeiro* ***arruma*** *as malas... você já está na rua... a mala já* ***está arrumada.*** (D2 SSA 98)

b) ***Fecha*** *os olhos e* ***concentra****-se: por que os vizinhos* ***vivem dizendo*** *tantas coisas sobre sua família?*

c) ***Pôs-se a citar*** *de memória as dívidas de cada um de nós,* ***calou****-se por um momento, e* ***acabou de fumar*** *seu charuto.*

Em *fecha* e *concentra-se*, representa-se uma ação pontual, acabada, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, tornando-se irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Temos aqui o *aspecto perfectivo*, frequentemente expresso por verbos de classe acional télica ou global, que lexicalizam uma predicação que tende inexoravelmente a um fim, sem o qual ela não se sustenta. Retomando a chave do transporte místico, quando você, flutuando nos páramos da glória, espia cá para baixo, o que vê nesses casos é um ponto (.). Ora, um ponto, já explicaram os sábios gregos, é uma figura geométrica cujo começo coincide com seu fim.

Já em *calou-se* + *por um momento*, o sintagma preposicional em função adverbial compromete o traço de telicidade de *calar-se*, e a resultante é durativa. Aí, tanto quanto em *arruma*, *vivem dizendo* e *pôs-se a citar*, temos o *aspecto imperfectivo*, expresso habitualmente por verbos de classe acional atélica, que representam uma predicação que tem existência tão logo iniciada, dispensando seu desfecho. É possível reconhecer diferentes fases de processamento no imperfectivo: uma fase inicial, exemplificada por *pôs-se a citar* (= imperfectivo inceptivo), uma fase medial, retratada em pleno curso de seu desenvolvimento, como em *arruma*, *vivem dizendo*, *calou-se por um momento* (= imperfectivo cursivo), e uma fase final, dada por *acaba de fumar* (= imperfectivo terminativo). De novo, levitando, quando alguém usa um imperfectivo, o que você vê é uma linha, com seu contorno inicial (|---), final (---|) ou sem contorno algum (---).

– *E aí, valeu a pena voar pelo espaço da imaginação? Ah, não?! Bem, pelo menos você não teve de comprar a passagem.*

O perfectivo e o imperfectivo configuram a face qualitativa do aspecto.

Observa-se, entretanto, que em *arruma*, *está arrumada*, *fecha*, *pôs-se a citar*, *calou-se* e *acabou de fumar*, o estado de coisas descrito por esses verbos ocorreu uma única vez, ao passo que em *vivem dizendo* e *dizer* esse estado ocorreu mais de uma vez. Isso leva a reconhecer que o aspecto tem igualmente uma face quantitativa, distinguindo-se a ocorrência singular (= semelfactivo) da ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (= iterativo). Agora, sua percepção extrassensorial captou um conjunto de pontos ou um conjunto de linhas. Não vá ficar mareadinho!

Estudos sobre os advérbios e os adjetivos identificaram pelo menos três tipos de predicação: a modalização, a qualificação e a quantificação (Ilari et al., 1991; Castilho, 1993a, 1994b). A qualificação e a quantificação têm um interesse particular quando se trata de descrever o aspecto, e serão aqui acolhidas.

Confrontando agora os aspectos identificados nessas sentenças com *está arrumada* de (67a), constata-se que se expõe aí um ponto de vista complexo sobre o sujeito, de que se ressalta um estado presente resultante de uma ação passada. *A mala está arrumada* pressupõe que *alguém arrumou a mala*. Esta noção é captada pelo *aspecto resultativo*, que configura uma predicação que vai da ação ao seu resultado, representando-se gramaticalmente apenas este último. Mas como o resultativo implica numa predicação acabada, concluída, vou dispô-lo como um subtipo do perfectivo. Retornando às *metáforas geométricas, de um ponto inferiu-se um resultado.*

Isso dito, podemos agora reunir num quadro a tipologia do aspecto. Convém advertir, entretanto, que seria um erro exercer aqui, como sempre, o chamado *either-or thinking*, pois cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face. Nas expressões linguísticas combinam-se, em verdade,

os planos que separamos anteriormente. Nem poderia ser de outro modo, pois a variedade dos estados de coisas representados pela predicação verbal havia mesmo de requerer um quadro pluridimensional, cujos termos não se excluem, não se negam. A tipologia do aspecto, por isso mesmo, é um assunto muito controvertido. Já houve aspectologistas abatendo o coleguinha a tiros! A paz voltaria a reinar entre eles se, para retratar o aspecto (epa!, outra metáfora baseada na VISÃO), postulássemos classes problemáticas, ou "quase-classes", em que a identificação de uma não significasse a exclusão das outras.

Com esses cuidados todos, e deixando de lado os predicados estativos, proporei a seguinte tipologia do aspecto:

Quadro 10.6 – Tipologia do aspecto

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

A perspectiva discursiva do aspecto não será muito elaborada, ocorrendo referências incidentais. Deixo isso para você. O fato é que traços semânticos dos argumentos sentenciais externo e interno, bem como sua figuração no singular ou no plural, interferem na constituição do significado aspectual. Sintagmas nominais /não específicos/ tendem a cancelar as noções de aspecto e tempo, com o surgimento dos tempos "indivisíveis", segundo Imbs (1960), ou do aspecto indeterminado, uma sorte de aoristo, de que tratei em Castilho (1968a). Por outro lado, sintagmas nominais /específicos/ favorecem a emergência do imperfectivo e do perfectivo. No singular, eles tendem a codificar o semelfactivo, e no plural, o iterativo.

Os adjuntos adverbiais aspectualizadores têm igual importância na composição do tipo de aspecto obtido. Para seu estudo, será necessário, inicialmente, distinguir (i) advérbios aspectualizadores qualitativos durativos ("escalares", segundo Bull, 1960) e/ou pontuais; de (ii) advérbios aspectualizadores quantitativos: para uma elaboração maior, veja Castilho (1993a), que reanalisa Ilari et al. (1991). Veja também o capítulo "O sintagma adverbial" desta gramática. Esses advérbios entretêm diferentes relações com o tipo semântico do verbo, mostrando que a categoria de aspecto ocorre em quaisquer expressões predicativas.

Habitualmente, advérbios durativos + verbos atélicos confirmam a imperfectividade destes (como em *andaram durante três horas*). Combinados com verbos télicos, suscitam a iteratividade (como em *caíram durante três horas*). De outro lado, advérbios pontuais + verbos atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva (como em *andaram às três horas*, isto é, *começaram a andar às três horas*). Combinados com verbos télicos, confirmam a perfectividade destes (como em *caíram às três horas*). Esta formulação precisará ser examinada mais detidamente, pois há incompatibilidades de determinados verbos télicos com adverbiais durativos, como em **achei seu anel durante três minutos*. Talvez essa sentença seja bloqueada pelo estado de coisas codificado na expressão *achar o anel*.

Passo à descrição dos aspectos mencionados no Quadro 10.3.

1. Aspecto imperfectivo

O aspecto imperfectivo tem as seguintes propriedades:

Apresenta uma predicação dinâmica de sujeito /específico/, na maior parte dos casos.

Essa predicação compreende fases: uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase retratada em pleno curso (imperfectivo cursivo), ou uma fase final do estado de coisas (imperfectivo terminativo).

O imperfectivo ocorre com alta frequência nas estruturas de fundo das narrativas, entendendo-se por isso as informações que servem de moldura ao evento central (veja 5.3).

As perífrases predominaram sobre as formas verbais simples na expressão do imperfectivo. Dentre as perífrases que veiculam o aspecto, num total de 913 ocorrências, 65% são gerundiais, 32% são participiais e apenas 3% são de infinitivo. Muito provavelmente estas últimas expressam o tempo futuro.

1.1. Imperfectivo inceptivo

O imperfectivo inceptivo expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais. Esse aspecto depende fortemente de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio, tendo por verbo auxiliar *principiar (a), começar (a), pôr-se a, pegar a*.

Embora as perífrases de infinitivo sejam mais escassas que as de gerúndio, elas são cruciais para a expressão do imperfectivo inceptivo. Como verbo auxiliar, *começar* predominou em 65% das ocorrências, como em

(68) *Começou a falar mal de mim.*

parafraseável por

(68a) *Principiou a falar mal de mim.*

Em (68) e (68a), a significação inceptiva decorre do verbo auxiliar. Testes de escopo da negação e focalização mostram que tanto o verbo auxiliar quanto o verbo pleno na forma nominal mantiveram intactos seus sentidos, caracterizando uma escassa gramaticalização do verbo auxiliar e uma baixa coesão sintática do conjunto:

(69) *Começa a andar direito.*

(69a) *Não começa a andar direito.*

(69b) *Começou a não andar direito.*

(69c) *Só começa a andar direito.*

(69d) *Começa a só andar direito.*

Caso distinto é o dos auxiliares *pegar* e *agarrar*. Associados a um infinitivo, esses verbos indicam o começo do estado de coisas codificado por este último:

(70)

a) ***Pegou** a falar.*

b) ***Garrou** a criar uma coisa assim, parecia uma verruga.*

c) ***Garrou** a atacar.*

Em (70), a significação inceptiva não decorre do verbo auxiliar, cujo sentido foi intensamente alterado. Casos como esses foram examinados por Benveniste (1966: 1-15) e Weinreich (1972), autor que os trataria como casos de *nesting*.

Rodrigues (1974) identificou as ocorrências (70b) e (70c) no falar piracicabano, à semelhança do espanhol *se agarró hablando*.

1.2. Imperfectivo cursivo

O imperfectivo cursivo apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem referências às fases inicial ou final.

O presente de verbos atélicos codifica usualmente o imperfectivo cursivo, parecendo irrelevantes os traços de animacidade do sintagma nominal de sujeito:

(71)

a) *Uma amiga minha que **faz** Medicina e ela vai sempre para o Xingu.* (DID SP 343)

b) *Segundo o médico, a doença dele **evolui** mais depressa que o habitual.*

Verbos atélicos construídos com advérbios aspectualizadores durativos, bem como com sintagmas preposicionais com ou sem núcleo, codificam o esperado imperfectivo cursivo:

(72)

a) *Há uma ênfase que* ***dura muitas décadas*** *nas Ciências Sociais.* (EF SP 124)

b) *Eu faço uma dieta vegetariana, mas não* ***faço permanentemente****.*

c) ***Muito tempo eu andei*** *por lá... sem te encontrar.*

Verbos télicos podem ser recategorizados semanticamente como atélicos nas seguintes circunstâncias:

(1) O verbo está conjugado no tempo presente, associado a expressões adverbiais quantificadoras progressivas, ou "de fases":

(73)

a) *Porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer ... morre de vez... eu não gosto de* ***morrer aos pedacinhos... aos poucos****.* (D2 SSA 98)

b) *E cada vez você vê que a máquina* ***substitui mais*** *o homem.* (DID SP 343)

c) *E* ***cada vez mais*** *o comprador* ***adquire*** [= vai adquirindo] *uma capacidade de calcular as coisas.* (DID SP 343)

(2) O verbo está conjugado no pretérito imperfeito e no gerúndio. É o que se pode constatar, retornando a um exemplo anterior, aqui renumerado:

(74)

a) *Ele se* ***afogava****.*

b) *Vi um menino se* ***afogando****.*

(3) O verbo está conjugado no pretérito perfeito simples, modificado por adverbiais aspectualizadores durativos, como *durante aquele dia* em:

(75) *durante aquele dia* ***perdi*** *muito dinheiro.*

A grande maioria das perífrases gerundiais expressa o aspecto imperfectivo cursivo. Examinando-as, constata-se que em geral 70% têm *estar* como verbo auxiliar, seguindo-se de *ir* (10%), *acabar* (8%), *ficar, continuar, vir, viver, passar* e *permanecer* (12%) + *ndo*:

(76)

a) *Ele* ***estava falando*** *que a topografia da cidade é muito bonita.* (D2 SP 343)

b) *A cidade (...)* ***está crescendo*** *desordenadamente.* (D2 SP 343)

c) *Aquele (...) que tem esperança (...)* ***vai... vai lutando****...* (D2 SP 62)

d) *À medida que* ***for barateando****... então (...) o empresário médio já pode...* (D2 SP 62)

e) *A população* ***irá aprendendo*** *a... a assistir esses programas* (D2 SP 255)

f) *Então essa linguagem* ***vai evoluindo*** *no seu país de origem.* (D2 SP 333)

g) *É isso que a gente* ***vem dizendo*** *até agora... certo?* (EF SP 405)

h) *Mandei a ela umas flores com um cartão de... cartão de Natal e pus "do seu noivo"... entre parênteses... e daí* ***vim vindo vim vindo*** *e em cinquenta e nove (...) nos casamos.* (D2 SP 343)

i) *Enquanto não houver concurso* ***continuam trabalhando****.* (D2 SP 360)

j) *Facilmente ela é descontinuada e:: já vem uma outra:: uma outra linha* ***substituindo****.* (D2 SP 62)

k) *E eu mexendo dentro d'água a pedra era redonda me lembro de ter escorregado... caído... dentro d'água e* ***estava me afogando****... vinha vim para cima assim...* (DID POA 45)

l) *Temos que o teatro* ***está sucumbindo*** *e eles não... não não têm como apresentar uma justificativa.* (D2 SP 62)

Verbo no gerúndio indicando mudança de estado, como em (76b), (76d) e (76f), indica uma duração mais gradual. Essas perífrases constituem um subtipo dos imperfectivos cursivos, que poderiam ser mais adequadamente denominadas "progressivas".

Nesses exemplos, as perífrases apenas confirmaram o valor durativo já contido nos verbos atélicos aí exemplificados. Em (76j) a (76l), a semântica télica do verbo pleno foi alterada para atélica.

Ilari / Mantoanelli (1983) mostram que a perífrase de gerúndio é incompatível com verbos que indicam permanência, como em

(77) **O plantão de vacinações* ***está ficando*** *à rua X.*

em que só se admite o presente:

(77a) *O plantão de vacinações fica à rua X.*

Dascal (1982b) chama a atenção para as perífrases de gerúndio com mais de um verbo auxiliar. Algumas ocorrências:

(78)

a) *Se não conseguir* ***vamos ficar andando*** *até amanhã.* (DID SP 208)

b) *Ele* ***vai continuar lendo*** *bobagens.*

c) *Eu* ***costumo ir falando*** *alto, mas isso é uma maneira própria.* (DID SP 18)

Uma primeira indagação seria verificar se há uma hierarquia no arranjo sequencial dos verbos auxiliares que especificam o verbo pleno, no que diz respeito à expressão das demais propriedades da predicação. Em (78a) e (78b), os auxiliares de tempo *vamos* e *vai* figuram em primeiro lugar. Em (78c), o auxiliar iterativo *costumo* precedeu o auxiliar imperfectivo *ir*, o que reforçaria a hipótese, adiante examinada, da especificidade do iterativo.

Também as perífrases de infinitivo denotam as fases da duração do estado de coisas:

(79) *Então* ***vai trabalhar*** *o dia inteiro.* (D2 SP 62)

Em (79), a futuridade de *ir* + infinitivo é apresentada numa forma durativa, para o que sem dúvida a expressão adverbial *o dia inteiro* assume um papel crucial.

Perífrases de particípio, notadamente aquelas com auxiliar *ter*, no pretérito perfeito composto, expressam o iterativo imperfectivo com verbos atélicos:

(80) *Essa criança* ***tem brincado*** *bastante.*

Embora as sentenças com *ter* + particípio sejam muitas vezes ambíguas com relação ao aspecto, nota-se que (i) com verbos atélicos elas favorecem uma interpretação iterativa imperfectiva, ou seja, repetem-se durações; e (ii) com verbos télicos uma interpretação iterativa perfectiva, ou seja, repetem-se pontualidades. Sendo muito raras no *corpus* do Projeto Nurc, parece que essa forma está em processo de desaparecimento, pelo menos na modalidade falada.

Nessa perífrase, como já se disse anteriormente, o verbo auxiliar exibe o mais alto grau de gramaticalização, o que talvez explique seu rápido desaparecimento no português falado. Como se sabe, expressões altamente cristalizadas tendem a ingressar na fase zero da gramaticalizacão (Castilho, 1997a, 1997b, 1997c). A verificação do escopo da negação e da focalização comprova-o claramente:

(80a) *Essa criança não* ***tem brincado*** *bastante.*

(80b) **Essa criança tem não brincado bastante.*

possível apenas nos casos de contraste:

(80c) *Essa criança tem não brincado, e sim falado bastante.*

Quanto à focalização, observe-se a aceitabilidade de

(80d) *Essa criança* ***só tem brincado****.*

ao lado de

(80e) **Essa criança tem só brincado.*

mais aceitável nas mesmas condições de (80c):

(80f) *Essa criança tem só brincado, não tem falado.*

1.3. Imperfectivo terminativo

O imperfectivo terminativo assinala os momentos finais de uma duração, o que só é possível em perífrases de *acabar de*/*por, cessar de, deixar de, terminar de* + infinitivo:

(81) *Essa criança **termina de brincar**.*

no sentido de

(81a) *Essa criança estava brincando, mas deixou de brincar.*

Uma primeira conclusão sobre o imperfectivo em suas modalidades anteriormente examinadas mostra que esse aspecto é bastante dependente da classe acional do verbo, seja conjugado em formas simples, seja organizando perífrases. Isso se deve a um fenômeno léxico bastante óbvio, que é a predominância estatística dos verbos atélicos sobre os télicos. Outros tipos de aspecto dependem mais fortemente da composição semântica entre a classe acional, a morfologia da conjugação, os argumentos e os adjuntos sentenciais.

2. Aspecto perfectivo

O aspecto perfectivo tem as seguintes propriedades:

(1) Apresenta a predicação em sua completude, sem qualquer menção a fases.

(2) Tal como o imperfectivo, ocorre em predicações dinâmicas, com sujeito /específico/ na maior parte das vezes.

(3) Ocorre na figura das narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central.

Os dados permitiram identificar dois subtipos de perfectivo: o pontual e o resultativo.

2.1. Perfectivo pontual

O presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo flexionados com verbos télicos confirmam a pontualidade deste, caso não intervenham outros fatores:

(82)

a) *Quer dizer que o teu conhecimento especializado não dá para... só **atinge** uma área muito limitada.* (DID SP 343)

b) *Um momentinho porque eu **encontrei** uma definição.* (EF REC 337)

c) *E:: eles arrumaram os quartos e tudo... e as gurias de noite **amarraram** cordão nas PORtas **fizeram** o diabo lá... pra pra mexer com o pessoal sabe?* (DID POA 45)

d) *Porque... **matou** tanta galinha eu sei que aquele dia se comeu foi uma comilança de galinha porque **morreu** na hora ali elas **morreram** sufocadas né ?* (DID POA 45)

Nos exemplos, observa-se uma regularidade no traço semântico /específico/ do sujeito. Bertinetto (1991: 28-29) sugere que certas propriedades intensionais do sintagma nominal de sujeito afetam a telicidade dos verbos. Assim, em

(83) *O projétil **golpeia** a posição inimiga.*

temos um perfectivo, ao passo que em

(84) *O vento **golpeia** nosso rosto.*

temos um imperfectivo, com a recategorização de *golpear*.

O mesmo Bertinetto mostra que a presença de determinados argumentos internos, como em *desenhar um retrato, cantar uma canção, fumar um cigarro, passar uma camisa*, transpõe esses verbos de atélicos para télicos (ou de *accomplishment*), e com isso essas expressões representariam ações completas. Assim, uma sentença como

(85) *A empregada **passa** a camisa.*

teria interpretação perfectiva.

Essa questão nos devolve às propriedades não negativas, problemáticas dos tipos aspectuais, e, também, à questão mais particular que estamos focalizando no estado de coisas. Assim, se em *passar uma camisa* nos concentrarmos no ato em si, é evidente que será sua imperfectividade que nos interessará, como se pode constatar pela paráfrase

(85a) Se alguém está passando uma camisa, mas é interrompido enquanto a passa, pode-se dizer que passou a camisa?

a resposta será "sim!", se se pensa que "passar uma camisa" envolve diferentes fases, algumas das quais já foram executadas.

Mas se nos concentrarmos no resultado desse ato, que é "ter a camisa passada", a resposta será "não!", ressaltando a interpretação perfectiva. Este deve ter sido o caminho percorrido por Bertinetto. Em consequência, considerar (85) ao mesmo tempo imperfectivo e perfectivo não será um absurdo, sobretudo se divisamos nos estados de coisas sua "operação" separadamente de seu "resultado".

Os adverbiais pontuais atribuem aos verbos a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação, que se torna, assim, pontual, não durativa. Por assim dizer, a face pontual desses adverbiais neutraliza qualquer duração acaso contida na classe acional do verbo, a não ser, é claro, que ele já integrasse a classe dos télicos.

Há, portanto, duas situações: (i) o verbo já é télico, e o adverbial apenas reforça sua perfectividade: este é o caso de (86a) e (86b); (ii) o verbo é atélico e o advérbio aspectualizador altera suas propriedades intensionais, que passam a expressar um perfectivo pontual, como em (86c) e (86d):

(86)

a) *A juventude **absorveu completamente** a moda do cabelo comprido.*

b) *Eu **pus** o camarão naquele refogado... **rapidamente**... só mexi o camarão.* (D2 POA 291)

c) ***Ajeitou** os cabelos **de um golpe**.*

d) *Você acha que ele não vai fixar essa ideia? **Já fixou**!*

Parece que os adverbiais aspectualizadores pontuais são mais raros do que os durativos.

2.2. Perfectivo resultativo

O perfectivo resultativo tem as seguintes propriedades: (1) ocorre nas predicações estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva, estudadas por Comrie (1981) e Camacho (2002): veja **10**.2.2.2.3.

Formas simples e perifrásticas codificam o resultativo. Alguns verbos simples assinalam a mudança do estado do sujeito, expressando lexicalmente o resultativo:

(87)

a) *Aquilo **se torna** uma imposição.* (EF REC 337)

b) *Então **ficou** muito bonito (quando a gente entrou).* (DID POA 45)

Nos exemplos acima, depreende-se que houve uma mudança no atributo do sujeito. Em (87a), *aquilo* não era anteriormente uma imposição. Em (87b), X não era *bonito* antes.

Perífrases de particípio codificam habitualmente o resultativo. Dentre elas, *estar* ocorre em geral em 59% dos casos, *ter* em 32%, distribuindo-se os restantes 9% pelos verbos auxiliares *ficar, continuar, andar*. Vejamos alguns exemplos:

(88)

a) *As provas **estão corrigidas**.*

b) *As provas **foram corrigidas**.*

c) *A gente **tem** uma série de dados **levantados**.* (EF SP 405)

d) ***Ficou resolvido** que não sairíamos de casa.*

e) *A reunião do departamento **continuou acertada**.*

Ter + particípio em (88c) recupera a história do pretérito perfeito composto do português já aqui narrada, como se pode verificar pela concordância do particípio passado com o adjunto adnominal de *de dados*, enquanto *ter* continua a ser verbo pleno (Castilho, 1967). O traço de concordância é igualmente crucial para a interpretação resultativa dessa sentença.

Estar + particípio é bastante comum na língua coloquial, quando se deseja enfatizar os resultados presentes de alguma decisão passada. Nesses casos, repete-se o verbo, como em:

(89)

a) *Falou, **tá falado**.*

b) *Combinou, **tá combinado**.*

Alguns autores valorizam nos exemplos anteriores o caráter durativo do estado resultante. Mas note-se que tal duração decorre de uma implicatura, por meio da qual se constitui uma significação discursiva. Suponho que a percepção mais espontânea do falante com respeito a (89a) não será, por exemplo

(89a') *Porque as provas estão corrigidas, agora elas permanecerão nesse estado.*

e sim

(89a'') *Alguém corrigiu as provas, e agora elas estão corrigidas.*

Essa questão explica por que há tanto desentendimento com respeito ao aspecto expresso numa mesma sentença, e é porque diferentes níveis conceptuais da proposição estão sendo valorizados por diferentes analistas. Neste trabalho, procurei ater-me aos significados proposicionais.

3. Aspecto iterativo

O aspecto iterativo tem as seguintes propriedades:

(1) Representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo. Desse ponto de vista, não se trata, a rigor, de "outro aspecto" e, em consequência, haverá um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo. Nesta descrição, não me fixarei nesses subtipos, para deixar mais claros os mecanismos de composição de uma predicação iterativa.

(2) O sujeito das predicações quantificadas é habitualmente /não específico/, pluralizado. Como nas entrevistas do Projeto Nurc predomina uma articulação discursiva de genericidade, o iterativo se mostrou muito produtivo.

(3) O componente léxico é irrelevante na composição iterativa, se descontarmos poucos itens com marcação iterativa derivacional em *-ejar* e *-itar*, ou auxiliares como *costumar* e *habituar-se a*. Com isso, o iterativo depende mais acentuadamente que os outros aspectos dos fatores de natureza composicional.

Desnecessário dizer que os componentes da iteratividade podem somar-se numa mesma expressão. A separação das vertentes da iteração nos exemplos a seguir procura apenas pôr em relevo um fator de cada vez, sem prejuízo dos demais.

3.1. Iteração e flexão modo-temporal

O presente (90a), o imperfeito (90b, 90c e 90h), o pretérito perfeito composto (90d a 90f), a perífrase (90g) e mesmo a repetição do verbo (90h), expressam a iteração:

(90)

a) *Para fazer as coisas calmamente não **dá**... pura e simplesmente não **dá**... então a gente **corre** depressa **vai** para o carro **troca** de roupa correndo **faz** isso **faz** aquilo.* (D2 SP 360)

b) ***Vestiam-se** muito mais modestamente (...) **usavam** chita.* (D2 SP 396)

c) *Nós **tomávamos** o bonde e **íamos** na rua Direita né?* (D2 SP 396)

d) ***Tenho saído** sim... assim em termos.* (D2 SP 360)

e) *Eu **tenho ido** ao teatro.* (DID SP 234)

f) ***Tenho ouvido** dizer que (...) aquele programa aquilo é abaixo da crítica.* (D2 SP 333)

g) *Olha eu **costumo dizer**:: ao meu primo-irmão (...) que eu gosto tanto de teatro.* (D2 SP 333)

h) *Eram papelotes:: **enrolavam**... um pedacinho de papel **enrolava enrolava** e **amarrava** um papelzinho.* (D2 SP 333)

Dentre as perífrases, é preciso destacar aquelas que, como em (90g), têm um auxiliar iterativo. Outros exemplos seriam *habituar-se (a)*, *costumar*, *andar (a)*, *viver (a)*, seguidas de infinitivo ou de gerúndio, e *ser de* seguida de infinitivo, como em:

(91) *Mas ele não **era de fazer** essas coisas!*

Uma série de requisitos são obrigatórios para que *estar* + gerúndio – a perífrase mais recorrente nos dados – expresse a iteratividade, tais como a pluralização dos argumentos e/ou a ocorrência de adverbiais. Faltando tais requisitos, exemplificados adiante, essa perífrase expressa o semelfactivo, seja imperfectivo ou perfectivo. Vamos examinar esses requisitos.

3.2. Iteração e argumentos verbais

Os dados mostram que a iteratividade pode ser gerada pelos argumentos do verbo nas seguintes situações: (i) sujeito nulo, seguido ou não de complemento nulo; (ii) sujeito retido, seguido ou não de complemento pluralizado; (iii) sujeito e/ou complemento quantificados. Nessas situações, será irrelevante se o núcleo da predicação verbal for preenchido por um verbo simples ou por uma perífrase. Examinemos esses casos.

(a) Sujeito nulo, seguido ou não de complemento nulo:

(92)

a) *Porque **tem que levantar**... **tem que vestir** os dois...* (D2 SP 360)

b) *Eles **telefonam**... **falam** com a pessoa (...) ou **ligam** para a casa da pessoa... aí **conversam** e a pessoa diz se está interessada.* (D2 SP 360)

c) *Porque é MUIto a gente **vive** de motorista o dia inTEIro mas o dia inTEIro... uma corrida bárbara e **leva** Ø na escola (...) e **vai buscar** Ø... e **vou trabalhar**.* (D2 SP 360)

(b) Sujeito retido seguido ou não de complemento pluralizado:

(93)

a) *Hoje qualquer classe eles **fazem** sessão de cinema.* (DID SP 208)

b) *Talvez a palavra seja gargantilha... e que agora esteja lembrando mas estou ligando com a coisa que as mulheres **estão usando**.* (DID SP 18)

c) ***Estão controlando** a poluição de ar agora né?* (DID SP 263)

isto é,

(94a) [...] *eles fazem habitualmente sessão de cinema.*

O mesmo ocorrerá com um sintagma nominal de objeto direto no plural. Em

(94) *A criança comeu um doce na hora do almoço.*

há uma ação durativa singular e, portanto, um imperfectivo semelfactivo. Já em

(95) ***Comem** doces na hora do almoço naquela creche.*

há uma ação durativa que se repete, favorecida pela elipse do sujeito e pelo efeito distributivo de *na hora do almoço*, portanto, um iterativo imperfectivo.

(c) Sujeito e/ou complemento quantificados:

Segundo Negrão / Müller (1996: 132), "um determinado sintagma quantificado tem escopo sobre outro sintagma quantificado quando a interpretação deste último depende da interpretação do primeiro". Assim, em

(96) *O jornalista **entrevistou** uma artista famosa.*

entrevistou é semelfactivo. Já em

(97) *Cada jornalista **entrevistou** uma artista famosa.*

entrevistou é iterativo, pois o sintagma nominal quantificado [*cada jornalista*]sujeito, ao dominar [*uma artista famosa*]objeto direto, dará lugar à interpretação de que há várias artistas, tendo-se, portanto, repetido a ação de *entrevistar*. O mesmo fenômeno ocorre neste bocado de prosa de Eça de Queirós (*Alves & Cia.*, Lisboa, Livria Lello & Irmão Editores, 1945: 122):

(98) *Viu-se pertencendo a essa tribo grotesca dos maridos traídos que não podiam entrar em casa sem que, de qualquer canto,* ***escapasse*** *um amante.*

Comparando o semelfactivo "*um amante escapa de um canto*" com o iterativo "*um amante escapava de qualquer canto/de cada canto*", isto é, "*muitos amantes escapavam de muitos cantos*", nota-se que a direção da quantificação pode ser também do complemento para o sujeito. O que interessa aqui é que sintagmas nominais quantificados afetam o núcleo do sintagma verbal, que passa a expressar a repetição do estado de coisas. Deve-se notar, também, que tipos de quantificadores provocam o sentido de iteração; aparentemente, apenas os que exprimem distribuição, como *cada*.

Diferentes efeitos de sentido são gerados pelo sujeito expresso por um sintagma nominal cujo Especificador é um quantificador:

(i) definido, como em

(99) *Três es/**vão** para o colégio e dois **vão** para uma... um cursinho de matemática... e o menor então esses cinco **saem**... e **vão**... para Pinheiros.* (D2 SP 360)

(ii) indefinido, como em

(100)

a) *Muitos comendadores* ***compravam*** *título.* (D2 SP 396)

b) *Todo mundo* ***andava*** *de colete... principalmente as mocinhas depois de quinze anos e tudo.* (D2 SP 396)

(iii) partitivo, em

(101) *Vários professores* ***viviam*** *daquilo.* (D2 SP 255)

e (iv) distributiva, em

(102)

a) *Cada tábua que* ***caía, doía*** *no coração.* (Adoniran Barbosa, *Saudosa Maloca*).

b) *Era só galinha morta que saía... cada galinha que* ***saía*** *a minha minha avó* ***gritava*** *mais... "velho maluco está caduco".* (DID POA 45)

3.3. Iteração e advérbios quantificadores

Os advérbios quantificadores aspectualizadores selecionam mais de um indivíduo no conjunto constituído pela predicação verbal. Os significados iterativos assim gerados apresentam a predicação como que se repetindo não especificamente, indeterminadamente, ou numa forma específica, determinada, em que os intervalos são previsíveis.

(a) Iteração /não específica/

Evocam e/ou concorrem para uma interpretação iterativa não específica (i) os advérbios em *-mente* derivados de adjetivos em cujas propriedades intensionais se encontra o traço de frequência; (ii) o advérbio *sempre;* e (iii) os adverbiais formados com o item *vez* quantificado universalmente.

É evidente que os exemplos não se integram rigidamente na categoria da iteração /não específica/ *versus* iteração /específica/, pois o fenômeno da correção – tão presente na língua falada – leva constantemente o mesmo verbo a passar de uma interpretação para outra, quando modificado por mais de um advérbio ou expressão adverbial quantificadora. Vejamos alguns exemplos:

(103)

a) *O meu problema é doce...* ***raramente*** *eu* ***como*** *doce...* (D2 POA 291)

b) ***Normalmente*** *a gente* ***tira*** *exatamente o pedaço do livro.* (EF POA 278)

c) *Tendo em vista os elevados custos... que nós...* ***habitualmente verificamos****... quando se trata por exemplo (...) de um problema de internação.* (DID REC 131)

d) *Em custos demasiadamente elevados... para o... o público ou para a coletividade... ou a grande massa como nós...* ***chamamos habitualmente****.* (DID REC 131)

e) *Bom... eu* ***exijo sempre*** *a salada... ahn... verdura... isso... diariamente* (D2 POA 291)

f) *A gente se* ***encontra sempre*** *todos os meses nesse jantar com os amigos.* (DID POA 45)

g) *É a nossa opinião... é que as pessoas... ao... ao comerem ou ao saborearem um prato* ***fiquem sempre perguntando*** *como é... como foi feito.* (D2 POA 291)

h) *Ele é:: presidente lá da* AAAMPA *(...)* ***está sempre sonhando*** *naquilo lá.* (DID POA 45)

i) *O de laboratório é mais válido João...* ***sempre*** *que você* ***pode fazer****.* (EF REC 337)

j) *Embora não tenhamos a lista... que vocês são... no total cinquenta e um... quer dizer* ***sempre tá faltando****... não é um pouco.* (EF REC 337)

k) *Tem os amigos* ***às vezes*** *a gente* ***dá uma fugidinha*** *até a casa deles bater um papinho assim né?* (DID POA 45)

l) *Isso a gente* ***vai de vez em quando****.* (DID POA 45)

m) *Tu viajas deixa o apartamento e* ***muitas vezes*** *essa segurança também* ***pifa****.* (D2 POA 291)

n) *Tanto assim que os próprios exemplos dados por Bloom na bibliografia específica* ***muitas vezes*** *eles se* ***repetem****.* (EF POA 278)

o) *Se* ***usa muito*** *o termo extrapolação.* (EF POA 278)

Em (103o), estou postulando a omissão de *vezes* no núcleo do sintagma nominal cujo Especificador é *muito*, mas é evidente que não se exclui uma predicação intensificadora, provocada pela polifuncionalidade do item *muito* (Castilho, 2003c).

O mecanismo de quantificação da predicação por meio de advérbios e de adverbiais não difere da quantificação do sintagma nominal sujeito, examinada anteriormente. Assim, alguns advérbios selecionam a totalidade dos indivíduos desse conjunto (*muitas vezes, toda vez*), parte deles (*poucas vezes, às vezes, inúmeras vezes, várias vezes, algumas vezes*). A quantificação partitiva se acentua naqueles casos em que antes de *vezes* aparece a preposição *de*, como em *a maior parte das vezes, a menor parte das vezes, uma porção de vezes.*

(b) Iteração /específica/

A quantificação aspectualizadora específica é gerada por adverbiais temporais formados por um sintagma preposicional quantificado, cujo núcleo é frequentemente omitido, e cujo Complementador nominal tem por referente "intervalos de tempo":

(104)

a) *Todo mês nós* ***jantamos*** *fora.*

b) *Cada três meses nós* ***jantamos*** *fora.*

c) *Ele já* ***ia*** *à escola de manhã porque eles* ***dormem*** *sete e meia e* ***acordam*** *seis e meia... é o horário normal deles.* (D2 SP 360)

Em (104a), o falante transitou de uma repetição não específica (= *encontrar-se sempre com os amigos*) para uma repetição específica (= *encontrar-se todos os meses com os amigos*).

3.4. Iteração e padrão sentencial

Os dados mostram que o padrão sentencial é outro fator de quantificação do verbo, gerando-se o significado iterativo. Encontramos aqui pelo menos três padrões: (i) as aditivas em polissíndeto de (105a), (ii) as condicionais-temporais de (105b) a (105d), e (iii) as temporais-proporcionais de (105e) e (105f):

(105)

a) *Os rapazes* ***be::rram e berram*** *porque to/... na sua maioria são pais de família então* ***be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem****... e as mulheres (...) são meio ausentes na hora de lutar.* (D2 SP 360)

b) *E vejam que eu sempre que eu* ***tou falando*** *eu me* ***refiro*** *aos autores porque nós estamos seguindo uma posição* (EF POA 278)

c) *Quando é que o aluno utiliza ou trabalha naquela categoria conhecimento? quando ele* ***evoca****... quando ele* ***enumera****... quando ele...* (EF POA 291)

d) *Prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o aluno* ***interpreta*** *ela já* ***faz*** *um exame na interpretação já há uma uma subdivisão já há um processo seria melhor dito já há um processo de análise já há um exame quando ele* ***identifica*** *a aplicação ele já* ***separa*** *o essencial do acessório.* (EF POA 278)

e) *Enquanto houver concursados:: (...)* ***vão sendo chamados***. (D2 SP 360)

f) *Na medida que* ***vai chegando*** *na altura da pirâmide o problema de idade* ***vai diminuindo***. (D2 SP 360)

No exemplo (105d), a interpretação iterativa permanece qualquer que seja a perspectiva temporal, o que mostra uma vez mais a independência do aspecto em relação ao tempo:

(105')

d') *quando o aluno* ***interpretar*** *ele já* ***fará*** *um exame.*

d'') *quando o aluno* ***interpretou*** *ele já* ***fez*** *um exame.*

d''') *quando o aluno* ***interpretava*** *ele já* ***fazia*** *um exame.*

Rodolfo Ilari (com. pessoal) mostra que um contraexemplo seria

(106) *Quando Mário se* ***irritou***, *ele estava influenciado pela fofoca dos vizinhos.*

de interpretação semelfactiva. Aparentemente, uma interpretação iterativa só é posssível quando o tempo verbal da sentença condicional-temporal é o mesmo do da sentença principal, como em nossos exemplos (105). Diferindo esses tempos, bloqueia-se a iteração, fenômeno que teria de ser explicado, e que se comprova por (106a), cujos verbos vêm no mesmo tempo verbal:

(106a) *Quando Mário se* ***irrita***, *ele* ***está influenciado*** *pela fofoca dos vizinhos.*

3.5. Iteração e articulação discursiva

A iteratividade imperfectiva e perfectiva é favorecida pelas narrativas de eventos habituais e pelos discursos argumentativos em que se fazem:

(107)

a) *O meu marido todos os meses ele* **vai** *pra Caxias ele* **faz** *a praça lá de Caxias né então eu aproveito e* **vou** *junto o dia que eu não* **tenho** *aluno ele sempre* **vai** *num dia que eu não* **tenho** *aluno mesmo (...) eu sempre* **vou** *a Caxias.* (DID POA 45)

b) *Já estou por aqui* ***tomo*** *um lanche e depois já* ***vou*** *para a aula né? (e lá assim para as) dez e vinte mais ou menos já* ***estamos saindo*** *felizes descansados e tal.* (D2 SP 62)

Iris Gardino (com. pessoal) notou que os conectivos textuais encadeadores de evento, como *então*, *aí* e *agora*, aparecem nesses exemplos, configurando a articulação discursiva a que venho me referindo:

(108) *quando não é dia do meu marido ir para a faculdade... eu* ***fico*** *por Pinheiros e* ***volto*** *para casa... agora em dois dias da semana eu* ***levo*** *faculdade tambem... não é? (...) e depois* ***volto*** *(...) mas* ***chego*** *já* ***apronto*** *o outro (...) e* ***fico*** *naquelas lides domésticas (...) e: uma coisa e outra... e:: agora à tarde* ***vão*** *dois para a escola mas... tem ativi/ (...) então é um corre-corre realmente... não é? agora eu assumi também uma secretaria da* APM... (D2 SP 360)

A hipótese que anima esta descrição do aspecto no português falado se fundamenta no caráter composicional dessa propriedade da predicação. Aplicada essa hipótese, aprende-se o seguinte:

(1) Papel do léxico e da semântica

(i) Verbos atélicos favorecem o imperfectivo, e verbos télicos favorecem o perfectivo, predominando numericamente aqueles sobre estes.

(ii) A classe acional do verbo, decisiva na emergência do imperfectivo e do perfectivo, não é fator importante para o iterativo, salvo se o verbo vier sufixado por *-itar* e *-ejar*.

(2) Papel da gramática: a flexão e as perífrases

(i) *O imperfeito do indicativo* e o *gerúndio* encerram traços de /duração/ mais fortes que as outras formas verbais, transformando-se em codificadores altamente frequentes do imperfectivo.

(ii) O presente e o pretérito perfeito simples são mais dependentes de adjuntos para codificar o aspecto; será necessário desenvolver uma reflexão mais detalhada sobre as combinações-classe acional-flexão, para o que o livro-resenha de Koefoed (1979: 125-139) apresenta interessantes indicações.

(iii) As perífrases de gerúndio, além de mais numerosas, são as mais inclinadas a expressar o imperfectivo, com grande predominância do papel lexical do verbo pleno, ou verbo auxiliado, nesse processo; as perífrases de valor iterativo são mais dependentes dos arranjos sintáticos e do contexto que excede a sentença. Por outro lado, pode-se propor que o presente, o imperfeito e o pretérito perfeito composto são "flexões aspectualmente não específicas", pois predominam nas expressões iterativas, o que não parece ser o caso das "flexões aspectualmente específicas", como o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito.

(3) Papel da gramática: os argumentos e os adjuntos quantificados

(i) Argumentos no singular favorecem o semelfactivo, enquanto argumentos pluralizados favorecem o iterativo.

(ii) Argumentos verbais /não específicos/ favorecem o iterativo, ao passo que os /específicos/ favorecem mais o imperfectivo e o perfectivo.

(iii) Adjuntos adverbiais qualificadores durativos favorecem a emergência do imperfectivo, e os pontuais, do perfectivo, ao passo que os adjuntos adverbiais quantificadores favorecem o iterativo.

(4) Papel do discurso

(i) Narrativas favorecem o imperfectivo e o perfectivo.

(ii) Textos argumentativos com generalizações favorecem o iterativo.

LEITURAS SOBRE ASPECTO VERBAL

Holt (1943), Togeby (1953), Sánchez Ruiperez (1954), Garey (1957), MacLennan (1962), Castilho (1963, 1968a, 1970, 1984c, 1999a, 2002c), Černy (1969), Sabršula (1969), Verkuyl (1972), Dietrich (1973), Comrie (1976, 1981), Hopper (1979a, 1979b, ed. 1982), Travaglia (1981), Soares (1987), Barroso (1994), Kato / Nascimento (1996a), Ilari (1998), Mendes (2005a), Ilari / Basso (2008a).

10.2.2.2.2. TEMPO

Deve ter ficado claro na seção anterior que o aspecto conserva seus valores independentemente do tempo. É o que se pôde constatar em vários momentos, como em (67) e em (90), e na sequência a seguir:

(109)

a) *O ônibus* ***está demorando*** *para chegar.*

b) *O ônibus* ***esteve demorando*** *para chegar na semana passada.*

c) *Do jeito que as coisas andam, o ônibus* ***estará demorando*** *para chegar durante o ano todo.*

As três sentenças retratam um estado de coisas apanhado em três perspectivas temporais diferentes: o presente, o passado e o futuro. Mas o aspecto imperfectivo permaneceu o mesmo. É praticamente impossível descrever o tempo verbal sem considerar o aspecto ao mesmo tempo. Uma rápida inspeção na morfologia de tempo e na seleção da terminologia correspondente mostra isso:

- Em algumas línguas, a terminologia distingue o presente simples (como em *eu falo*) do presente contínuo (como em *eu estou falando*). O PB abriga ambas as formas, porém não dispõe de nomenclatura para o presente perifrástico, talvez porque essas formas ainda não tenham valores temporais idênticos.
- O pretérito perfeito e o futuro perfeito representam os estados de coisas completados no passado (como em *eu fiz*) ou no futuro (como em *eu terei feito*). O termo *perfeito* usado na nomenclatura dessa forma remete ao aspecto perfectivo.

- O pretérito imperfeito representa os estados de coisas que duraram no passado. O termo *imperfeito* remete ao aspecto imperfectivo.

Outra afirmação preliminar é necessária: não utilizamos as formas temporais unicamente para fixar cronologias dos estados de coisa, situando-nos num tempo real, mensurável pelo relógio, descrito em termos de:

- tempo simultâneo ao ato de fala, ou presente,
- tempo anterior ao ato de fala, ou passado,
- tempo posterior ao ato da fala, ou futuro,

e, sim, igualmente, para nos deslocarmos livremente pela linha do tempo, de acordo com nossas necessidades expressivas, refugiando-nos:

- num tempo imaginário, que escapa à medição cronológica, ou
- num domínio vago, genérico, impreciso, atemporal.

Temos, portanto, pelo menos três situações de uso:

1. Quando o falante descreve um estado de coisas coincidente com o tempo cronológico, temos os usos do *tempo real*.
2. Quando o falante se desloca para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com seu tempo real, temos os usos do *tempo fictício*. Ele lançará mão dos "usos metafóricos das formas verbais", arrastando consigo sua simultaneidade/anterioridade/posterioridade. A terminologia adotada pelos descritores do tempo tenta apanhar essas metáforas, quando aludem ao presente universal (presente extenso/presente das verdades eternas/presente genérico, situado no domínio da vagueza), ao presente histórico (= o passado, no tempo cronológico), ao *praesens pro futuro* (= o futuro, no tempo cronológico) etc. Desnecessário dizer que não há sinonímia absoluta entre o tempo fictício e o tempo real.
3. Finalmente, quando o falante se desloca para o domínio do vago, do impreciso, igualmente não coincidente com o tempo real, ele estará fazendo um *uso atemporal* das formas verbais.

Na seção **10**.2.3 mostrarei que o texto é outra vertente das escolhas das flexões temporais.

Com base nesse tripé analítico, passo a caracterizar os usos dos tempos verbais do indicativo e do subjuntivo no domínio da sentença. Para a identificação dos autores dos exemplos, veja Castilho (1967).

1. Tempos verbais do indicativo

1.1 Presente

(110) Presente real, indicando simultaneidade com o momento da fala
  a) Presente estreito, ou perfectivo: ***Levanta*** *os olhos e* ***dá*** *comigo à janela.*
  b) Presente largo, ou imperfectivo: ***Vivemos*** *uma época feliz.*
  c) Presente de hábito, ou iterativo: ***Janto*** *sempre muito bem./A professora* ***deixa*** *a escola às três da tarde.*

(111) Presente metafórico
  a) Presente pelo passado: *Quando* ***sai, vê*** *que chovia.*
  b) Presente pelo futuro do presente: *Qualquer dia* ***cais*** *e* ***partes*** *uma perna./Fulano se* ***casa*** *no dia 20 de fevereiro.*
  c) Presente pelo futuro do pretérito: *A princípio, olham-me desconfiados, com medo uns dos outros. Sem dúvida,* ***gostam*** *de viver mais um século, mas dois séculos, mas não sabem ainda que emprego hão de dar à existência.*
  d) Presente pelo futuro do subjuntivo/do indicativo na sentença complexa condicional: *Se a tempestade* ***continua, morrem*** *todos.*
  e) Presente pelo imperfeito do subjuntivo: *Se* ***dou*** *um passo a mais, tinha caido.*

(112) Presente atemporal
  a) Presente gnômico, ou presente dos ditados: *Água mole em pedra dura, tanto* ***bate*** *até que* ***fura***.
  b) Presente das verdades eternas: *A terra* ***gira*** *à volta do sol.*
  c) Presente de predisposição: *Fulano é muito bom, só que* ***bebe***. (= não está bebendo agora)/*Ih, a casa tem cachorro, será que ele* ***morde***? (= não está mordendo agora)
  d) Presente dos marcadores discursivos: ***Sabe,*** *ele já chegou.*

1.2. Tempos do passado

A) Pretérito perfeito simples

(113) Pretérito perfeito real, indicando anterioridade
  a) Pretérito pontual: *Andou um pouco e* ***caiu*** *logo em seguida.*
  b) Pretérito durativo: ***Andou*** *um pouco e caiu logo em seguida.*
  c) Pretérito iterativo: ***Perdi*** *sempre no jogo do bicho.*

(114) Pretérito perfeito metafórico
  a) Pelo imperfeito: *Quando trabalhei lá, eu o* ***vi*** *diariamente*
  b) Pelo mais-que-perfeito: *Eu* ***avisei*** *que o padeiro tinha chegado, por que você não saiu logo para comprar o pão?*
  c) Pelo futuro do presente: *Bateu em meu filho?* ***Morreu!***
  d) Pelo futuro do presente composto: *Pode passar por aqui às seis horas, porque até lá já* ***acabei*** *o trabalho.*
  e) Pelo pretérito perfeito do subjuntivo: *Quem o* ***fez*** *que o diga!*

(115) Pretérito perfeito atemporal
  a) Pretérito aorístico: *Quem* ***morreu, morreu.***
  b) Pretérito nos marcadores discursivos: *Faça isso hoje,* ***viu?***

B) Pretérito imperfeito

(116) Pretérito imperfeito real, indicando anterioridade não pontual
  a) Estado de coisas durativo: *Quando cheguei, ela* ***olhava*** *pelo buraco da fechadura.* (a propósito: sabe qual foi a coisa mais interessantes que já se viu pelo buraco da fechadura? Outro olho!)
  b) Estado de coisas iterativo: *Lá vejo o atalho que vai dar na várzea./Lá o barranco por onde eu* ***subia***.

(117) Pretérito imperfeito metafórico
  a) Pelo presente, nos usos de atenuação e polidez: *Eu* ***vinha*** *saber se você já pode devolver meu carro./****Queria*** *que vocês aceitassem minha proposta.*
  b) Pelo pretérito perfeito, no chamado "imperfeito de ruptura": *Conheceram-se em maio, em junho se* ***casavam***.
  c) Pelo imperfeito do subjuntivo: *Se eu* ***percebia*** *que o carro ia resvalando para o buraco, tinha saltado muito antes.*
  d) Pelo futuro do pretérito, no discurso indireto/no discurso indireto livre: *Ela disse que* ***vinha*** *logo./****Era*** *necessário, mesmo, libertá-lo?/Você bem que* ***podia*** *me arranjar um emprego./Numa viagem ao norte, desistiu de fazer a conferência. Os colegas insistiram. Não, não* ***fazia***.

(118) Pretérito imperfeito atemporal ("imperfeito *de conatu*"): *Sentada na borda da cama, afinal ela* ***ia*** *embora.*

C) Pretérito mais-que-perfeito simples e composto

(119) Pretérito mais-que-perfeito real, indicando anterioridade remota em relação a outra ação anterior: *Ao irromper o incêndio, ele* ***despertara/tinha despertado/havia despertado***.

(120) Pretérito mais-que-perfeito metafórico

a) Pelo imperfeito do subjuntivo, na prótase da sentença condicional, e pelo futuro do pretérito, na apódese da sentença condicional, na linguagem literária formal: *Se não* ***foras*** *tão trapaceiro, outro amigo te* ***ajudara***.

b) Pelo pretérito perfeito, nos usos de atenuação ou polidez: *Eu* ***tinha vindo*** *para te lembrar daquela dívida.*

c) Em expressões optativas cristalizadas: ***Tomara/quisera*** *eu ter ganho esse prêmio!/Quem me* ***dera*** *ser rico!/Também,* ***pudera***, *o que você estava esperando?*

D) Pretérito perfeito composto

(121) Pretérito perfeito real, indicando uma anterioridade que se estende até o presente

a) Pretérito perfeito durativo: ***Tem andado*** *muito alegre, é uma tonta.*

b) Pretérito perfeito iterativo: ***Tenho perdido*** *muitos amigos por causa desse meu gênio.*

(122) Pretérito perfeito metafórico

a) Pelo pretérito perfeito simples, na finalização de discursos (usos muito raros no PB): ***Tenho dito!/Tenho chegado*** *ao final de minhas considerações.*

b) Pelo mais-que-perfeito do indicativo, na sentença complexa condicional: *Se eu* ***tenho sabido*** *disto a tempo, não vinha a esta reunião.*

1.3. Tempos do futuro

A) Futuro do presente simples e composto

(123) Futuro do presente real, indicando posterioridade problemática em relação ao ato da fala: ***Cuidaremos/teremos cuidado*** *disto amanhã./O médico diz que* ***virá***./*Dizem que o médico* ***terá vindo***./*Se eu gritar, ele* ***obedecerá***.

(124) Futuro do presente metafórico

a) Pelo presente do indicativo, nos usos de atenuação e polidez: *Quanto* ***custará/terá custado*** *isto?/Que* ***será/terá sido*** *aquilo?*

b) Futuro jussivo, nas leis, decretos, contratos: *Este acordo* ***durará/terá durado*** *cinco anos./O ano letivo* ***será/terá sido*** *de 220 dias.*

c) Pelo presente do subjuntivo: *É provável que ele* ***fará/terá feito*** *isso./Talvez ele* ***dirá/terá dito*** *a verdade.*

d) Pelo pretérito perfeito simples, no chamado "futuro profético": *Esta foi a decisão que* ***mudará/terá mudado*** *o curso da história.*

(125) Futuro atemporal, ou gnômico: *Trás mim* ***virá*** *quem melhor me* ***fará***.

B) Futuro do pretérito simples e composto

(126) Futuro do pretérito real, indicando posterioridade problemática em relação a um ato de fala anterior/remoto: *O médico disse que* ***viria/teria vindo***./*Eu supus/acreditei/soube/pensei que ele* ***viria/teria vindo*** *hoje./Se eu gritasse, ela* ***viria/teria vindo***.

(127) Futuro do pretérito metafórico

a) Pelo presente do indicativo, quando se manifesta opinião de modo reservado, ou nos usos de atenuação ou polidez: *Eu* ***acharia/teria achado*** *melhor irmos embora./Isto aqui* ***seria/teria sido*** *o bacilo de Koch, pelo menos ele não está/estava sentado nem deitado./Que* ***seria/teria sido*** *aquilo?*

b) Pelo pretérito imperfeito do indicativo: *Quando cheguei,* ***seriam/teriam sido*** *oito horas./Fulano* ***teria/teria tido*** *seus setenta anos quando morreu.*

c) Pelo pretérito perfeito simples do indicativo: ***Chegaria/teria chegado*** *esta manhã a São José do Rio Preto.* (falando de um viajante cujo trajeto se conhece de antemão)

2. Tempos verbais do subjuntivo

Descrevo nesta seção os tempos do subjuntivo na sentença simples. Na sentença complexa, o subjuntivo ocorre por pressões estruturais, descritas em **9.2.1**.

2.1. Presente

(128) Expressa simultaneidade problemática, somada aos valores modais de:

a) Incerteza, probabilidade, possibilidade: *Por que o portão não abre? Talvez* ***esteja que brado***./*Talvez/possivelmente/provavelmente* ***venha***./*Quiçá* ***apareça*** *o livro perdido.*

b) Volição, opção: *Oxalá* ***venha***!/*Que* ***venha*** *logo!/Antes* ***chova***, *bem melhor do que faltar água.*

c) Exortação, imprecação: *Que se* ***dane***!/*Um raio te* ***parta*** *e o diabo que te* ***carregue***!

d) Pedido, ordem: ***Traga-me*** *um copo d'água, por favor./***Desculpe-me**, *não vi que você deixou o pé na minha frente.*

(129) Presente do subjuntivo metafórico

a) Pelo futuro do presente do indicativo: *Suponho que ele* ***venha***.

b) Pelo pretérito perfeito composto do subjuntivo: *Espere até que o ônibus* ***pare***.

c) Pelo imperfeito do subjuntivo: *Ele pediu-me que o* ***faça***.

2.2. Tempos do passado

A) Pretérito perfeito composto

(130) Expressa anterioridade problemática de estado de coisas inteiramente concluído anteriormente a outro estado de coisas: *Espero que ao chegar você* ***tenha chegado*** *antes.*

(131) Pretérito perfeito composto metafórico

a) Pelo futuro do presente composto do indicativo: *Talvez no próximo sábado ele já* ***tenha acabado*** *tudo.*

b) Pelo imperfeito do subjuntivo: *Não é possível que* ***tenha vindo*** *em tão curto espaço de tempo.*

B) Pretérito imperfeito

(132) Expressa anterioridade problemática, nas mesmas circunstâncias modais do presente do subjuntivo: *Talvez* ***viesse***./*Que* ***viesse*** *logo.*

(133) Imperfeito metafórico, pelo mais-que-perfeito do subjuntivo: *Não teria sido possível que o deputado* ***deixasse*** *de atendê-lo.*

C) Pretérito mais-que-perfeito

(134) Expressa anterioridade remota, com os mesmos valores modais do presente do subjuntivo: *Talvez* ***tivesse vindo***./*Que* ***tivesse vindo*** *logo.*

2.3. Futuro simples e composto

(135) Expressa posterioridade problemática, em sentenças subordinadas: *Só virei a perguntar se ele previamente* ***tiver demonstrado*** *disposição para responder.*

Depois deste porre de exemplos, decerto você está se perguntando:

– *Mas como é que conseguimos operar com tudo isto?*

Em primeiro lugar, temos visto nesta gramática que as formas linguísticas são polifuncionais. A cada signo sempre corresponde mais de um significado. Em segundo lugar, você está pedindo uma formalização dos tempos verbais. Para isso, leia Ilari (1997) e Ilari / Basso (2008a: 243-263).

LEITURAS SOBRE O TEMPO VERBAL

Boléo (1934-1935), Sánchez Barrado (1934-1935), Sten (1944, 1953), Badia Margarit (1953), Said Ali [da (1957/1964/1980: 141-149), Mourin (1959), Carpinteiro (1960), Bull (1960), Heger (1960), Imbs (1960), Montes (1962), Irmen (1966), Castilho (1967, 1978b), Câmara Jr. (1968a, b), Ilari (1979/1981, 1997, 1999), Hopper (ed. 1982), Ilari / Mantoanelli (1983), Pontes (1992), Corôa (1993), Fiorin (1996), Ilari / Basso (2008a). Os valores durativo e iterativo do pretérito perfeito composto foram objeto de vários estudos: Boléo (1936), Castilho (1967); para um tratamento formal, Ilari (1999).

10.2.2.2.3. Voz

A voz verbal assinala o tipo de participação do sujeito sentencial no estado de coisas: Ilari / Basso (2008a). Se ele for agente, teremos a voz ativa, se for paciente, teremos a voz passiva, e se for ao mesmo tempo agente e paciente, teremos a voz reflexiva. Vimos em **2.3.2** que a voz verbal gramaticaliza a perspectiva, uma das categorias constitutivas do discurso.

1. Voz ativa

Na voz ativa, o verbo atribui ao sujeito da sentença o papel de /agente/, e ao objeto direto o papel de /paciente/:

(136) *O moleque* ***espetou*** *o gato da vizinha.*

Como a voz ativa depende de um sujeito e de um objeto direto, ela é privativa dos verbos biargumentais transitivos diretos ou bitransitivos (veja **8.3.3.1**).

A voz ativa é expressa por um sintagma verbal simples.

2. Voz passiva

O verbo na voz passiva atribui ao sujeito da sentença o papel de /paciente/, e ao complemento o papel de /agente/:

(137) *O gato da vizinha* ***foi espetado*** *pelo moleque.*

A voz passiva é expressa por um sintagma verbal composto, constituído por *ser* + particípio. No latim vulgar e nas línguas românicas, o verbo auxiliar de voz passiva *esse* substituiu a passiva afixal, formada pelos morfemas da P1 {-r}, P2 singular {-ris}, P2 plural {-mini}, P3 {-tur}. No português, *ser* + particípio forma a passiva padrão; *estar* + particípio forma a passiva resultativa. Em outras línguas românicas, verbos dêiticos como *ir* e *vir* formam a passiva, como no italiano *viene detto, va detto*, "precisa ser dito", ou seja, voz passiva com sentido de obrigatoriedade.

As regras de transformação da voz ativa na passiva habitam nossas gramáticas desde sempre. A receita é mover o objeto direto da ativa para a cabeça da sentença, produzir o movimento inverso com o sujeito da ativa, fazendo-o preceder da preposição *por* ou *de*. Pronto! Uma ativa virou passiva. É claro que a base desse raciocínio é que na língua há estruturas primitivas, a voz ativa, no caso, e estruturas derivadas, a voz passiva.

Se o verbo é bitransitivo, apassiva-se seu segmento transitivo direto:

(138) *O gato* ***foi doado*** *à vizinha pela mãe do moleque.*

Blanche-Benveniste (1987) mostrou as inconveniências dessas transformações, pois vários verbos transitivos diretos produzem uma "passiva má", como:

(139)

a) *Eu vi o filme.* → *O filme foi visto por mim.* (possível só em determinados contextos)
b) *O rio atravessa a cidade.* → *A cidade é atravessada pelo rio.*
c) *O carro atravessa a cidade.* → **A cidade é atravessada pelo carro.* (agramatical dado o papel semântico não agentivo do sujeito)

A operação ao contrário também traz dificuldades, se estivermos operando com a passiva resultativa construída com *estar*:

(140) *Hoje o mar está muito salgado.* → **Alguém salgou muito o mar hoje.*

Para uma descrição mais acurada da voz passiva, Blanche-Benveniste propõe uma distribuição dos verbos de acordo com sua abordagem pronominal da sentença, mencionada em **6.4.1.1**.

Agora, um conselho: *não defina a voz passiva como aquela em que o sujeito "sofre os efeitos da ação verbal"*. Já me estrepei em sala de aula por ter usado essa definição, pois ao pedir a um aluno *que me desse um exemplo de voz passiva ele me saiu com esta:*

(141) *Eu* ***cortei*** *o dedo.*

Reclamei que o verbo estava na voz ativa, mas o aluno replicou que o sofrimento tinha sido todo dele, e que gramática não é anestésico. Daquele dia em diante passei a desconfiar das explicações puramente semânticas. E aprendi que no domínio do sistema semântico, o falante mais cria sentidos do que apenas decodifica os sentidos veiculados pelas expressões linguísticas.

Blasco (1987) mostrou que a ocorrência da voz passiva é favorecida quando se tira uma conclusão de uma sentença ativa:

(142) *Então eu* ***enrolei*** *o filme. Depois que o filme* ***foi enrolado****, guardei tudo no armário.*

A seguinte fórmula capta sua observação:

[X V Y], *então, porque* [Y V-do X]

Esta observação mostra que não é o caso de derivar a voz passiva da ativa. Usamos a voz passiva por outras motivações, encontradas no discurso, não na sentença. Ao desenvolver seu discurso, o locutor acumula diversas apresentações, e a voz passiva aparece quando se quer ressaltar o resultado de uma ação anterior, como em (142). Ou seja, tratar a voz passiva como um caso de aspecto perfectivo resultativo tem mais interesse, se quisermos descobrir como o verbo e suas categorias operam na organização de um texto. Essa posição, defendida também por Comrie (1981) e Camacho (2002), foi acolhida nesta gramática. O uso da passiva perifrástica resultativa se deve, portanto, a exigências de construção do texto, donde sua frequência maior nas narrativas, nos textos de instruções sobre como operar um aparelho, e em outras situações em que precisamos tirar consequências de um estado de coisas anterior.

3. Voz reflexiva

Na voz reflexiva, o verbo atribui ao sujeito da sentença o papel ao mesmo tempo de /agente/ e /paciente/:

(143) *O menino se* ***cortou****.* (= o menino cortou, o menino foi cortado)

A voz reflexiva ocorre com os verbos pronominais, tais como *vestir-se, ferir-se, enfeitar-se, congratular-se, enervar-se, envergonhar-se* etc. (Bechara, 1992/1999: 223).

Na voz reflexiva, o sujeito e o objeto direto são correferenciais. Em (143), *menino* e *se* remetem a um mesmo indivíduo. O traço /paciente/ de *menino* permite uma leitura passiva de (143):

(143a) *O menino* ***foi cortado*** *por ele mesmo.*

Dado isso, se frontearmos o verbo, pospusermos o sujeito e omitirmos o complemento paciente, teremos produzido o que tem sido denominado "passiva pronominal":

(143b) ***Cortou****-se o menino.*

Em construções assim, sendo sujeito o sintagma nominal posposto, a concordância do verbo com esse sintagma nominal se mostrou obrigatória por um bom tempo na língua:

(143c) ***Cortaram****-se os meninos.* (= os meninos foram cortados)

e o pronome reflexivo *se* foi denominado *pronome apassivador*.

Como foi que um pronome reflexivo se tornou apassivador? Como foi que esse pronome perdeu essa propriedade no PB? Não perca a próxima atração de nosso programa: vá correndo ver como tudo isso aconteceu em **11.4.1.2**.

10.2.2.2.4. Modo

Como vimos anteriormente, uma sentença se compõe do *modus* e do *dictum*. Entende-se por *modus*, no português *modo*, a avaliação que o falante faz sobre o *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário.

Há três modos no PB: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Todos eles apresentam uma propriedade discursiva comum, a de representarem atos de fala: segundo Ilari / Basso (2008a: 316-317), há uma relação entre indicativo, subjuntivo e imperativo e a teoria dos atos de fala:

> [...] a teoria dos atos de fala [...] separa cuidadosamente os conteúdos proposicionais e os usos que deles podemos fazer: um dos usos que ela estuda é a asserção, pela qual damos fé de que aquele determinado conteúdo se realiza no mundo; outro é a construção de situações imaginárias que não precisam corresponder pontualmente com aquilo que acontece no mundo, mas podem ser úteis como exercícios do pensamento; outra ação ainda, bem diferente da asserção e da suposição, é a ordem.

Essas observações são muito importantes, pois nos levam para fora da sentença enunciada e para dentro da situação de enunciação, mostrando que a seleção dos modos não tem uma motivação exclusivamente sintática. Cada *dictum* vem associado a um ato de fala. O *modus* evidencia de que ato de fala se trata: o dos "conteúdos que se realizam no mundo" (indicativo), o das "situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo" (subjuntivo) e o da "ordem", bem diferente "da asserção e da suposição" (imperativo).

Ora, uma operação linguística tão importante quanto é a avaliação sobre o que estamos falando, ao mesmo tempo em que falamos, e não poderia ser entregue apenas à morfologia do verbo. Ilari / Basso (2008a) mostram que a língua dispõe de diferentes operadores de modalização, tais como *não dá, não tem alternativa, tem que, seria o caso de, é imprescindível que, é capaz de, com certeza* etc. Algumas dessas alternativas serão descritas nesta gramática (veja os adjetivos modalizadores em **12**.2.2.1.1 e os advérbios modalizadores em **13**.2.2.1.1).

O modo se gramaticalizou em português (i) por meio de sufixos modo-temporais, no caso do indicativo, do subjuntivo e do imperativo; (ii) por meio de morfemas-vocábulos, ou seja, os verbos auxiliares *poder, dever, querer*, entre outros; (iii) por meio de outros operadores de modalização, como aqueles mencionados no parágrafo anterior. A representação do tipo (i) aparece no sintagma verbal simples, a representação do tipo (ii), no sintagma verbal composto, e a representação do tipo (iii), em expressões complexas.

Sejam os seguintes exemplos:

(144)

a) *O doce de leite* ***é*** *a oitava maravilha do mundo.*
b) *Quem não entende de nada diz que talvez o doce de leite* ***seja*** *a oitava maravilha do mundo.*
c) ***Coma*** *doce de leite,* ***ajude*** *as companhias de laticínios.*
d) *Se você* ***pode*** *comer doce de leite, você* ***deve*** *comê-lo todos os dias.*
e) ***Quero*** *comer doce de leite até me empanturrar.*

Vamos ver o que o doce de leite pode nos ensinar.

1. O indicativo

A representação morfológica do indicativo se faz por sufixos, que representam cumulativamente esse modo e os tempos, daí serem denominados sufixos modo-temporais (veja **1**.1.3.3).

Do ponto de vista sintático, o indicativo predomina nas sentenças simples, asseverativas e interrogativas (veja **8**.2).

Do ponto de vista semântico, expressamos através do indicativo uma avaliação do *dictum* como um estado de coisas real, verdadeiro (é o caso do exemplo 144a).

2. O subjuntivo

Analogamente ao indicativo, a representação morfológica do subjuntivo se faz por meio de sufixos.

Do ponto de vista sintático, o subjuntivo predomina nas sentenças subordinadas. Observe que *subjuntivo* e *subordinado* são termos sinônimos, pois remetem à "ordenação das sentenças numa posição de dependência", "debaixo de X", em que X é a sentença matriz, como vimos no capítulo "A sentença complexa e sua tipologia".

Semanticamente, o subjuntivo expressa um estado de coisas duvidoso, como em (144b).

O subjuntivo tem vacilado na pia batismal da gramática. Antes, esse cristão era conhecido como *conjuntivo*, ou seja, um modo verbal precedido das conjunções *desde que, embora, mesmo que, para que, nem que* etc. (Ilari / Basso, 2008a). O problema é que o indicativo também pode ser precedido de conjunções. Passou-se então a usar o termo *subjuntivo*, que retrata esse modo em sua figuração quase que absoluta em sentenças subordinadas.

3. O imperativo

Retornando ao Quadro 10.2, você verá que o imperativo dispõe de morfemas próprios em sua forma afirmativa, tomando morfemas de empréstimo ao subjuntivo em sua forma negativa. Será que no PB as coisas se passam assim mesmo?

Do ponto de vista sintático, o imperativo é o modo das sentenças simples, já descritas no capítulo "Minissentença e sentença simples: tipologias".

Do ponto de vista semântico, expressamos através do imperativo uma ordem, como em (144c). Os verbos auxiliares de modo expressam uma grande variedade de outros modos, tais como possibilidade, necessidade (144c, 144d), volição (144e) etc.

Como o imperativo expressa uma ordem ou um pedido, dirigido ao interlocutor, ele só deveria ser conjugado na P2. As outras pessoas não expressam uma ordem, e sim uma volição. Por isso mesmo, de acordo com a gramática prescritiva, as formas imperativas do indicativo estão associadas ao uso do pronome *tu*, e as formas do subjuntivo, ao pronome *você* e ao tratamento *o senhor*.

A P2 apresenta uma forma etimológica: cf. latim P2 *canta* > *canta*, *cantate* > *cantai*; *debe* > *deve*, *debete* > *devei*; *parte* > *parte*, *partite* > *parti*. Nas outras pessoas, o imperativo tomou de empréstimo formas do subjuntivo. Mas por que o subjuntivo haveria de figurar na linha auxiliar do imperativo? Porque historicamente o subjuntivo latino resultou da confluência de dois modos verbais diferentes do indoeuropeu, o optativo e o subjuntivo das subordinadas. É o antigo optativo que opera no imperativo da P1 e da P3.

Esquecida essa história, as gramáticas escolares criaram uma regra mnemônica, ensinando que o imperativo da P2 singular e plural corresponde ao presente do indicativo, subtraído o {-s}. Nada a ver.

Estavam as coisas neste pé quando o PB modificou o quadro dos pronomes pessoais substituindo (i) *tu* por *você*, um pronome discursivamente da P2, porém gramaticalmente da P3, pois deriva do sintagma nominal *Vossa Mercê*; (ii) *vós* por *os senhores*, outra expressão nominal que também leva o verbo para a P3; e (iii) *nós* por *a gente*, de novo uma expressão nominal que, igualmente, leva o verbo para a P3. Já está ficando monótono!

O impacto dessas alterações sobre a gramática do PB foi devastador, já ia dizendo "tsunâmico". Olhe o que rolou com o imperativo: o indicativo entrou na dança e, na prática, nosso imperativo hoje é um jogo entre formas do indicativo e formas do subjuntivo:

(145)

a) ***Fica*** *quieto!/****Fique*** *quieto!*
b) ***Diz*** *aí, eu ganhei ou não ganhei no jogo do bicho?/****Diga*** *aí, eu ganhei ou não ganhei no jogo do bicho?*

O que acaba de ser dito envolve alguns probleminhas:

1. Se a ordem pode ser expressa no indicativo ou no subjuntivo, quer dizer então que o PB não dispõe de uma morfologia própria para o coitado do imperativo? Como ficaram aquelas formas recolhidas no Quadro 10.2? Não ficaram?
2. Se o indicativo e o subjuntivo se alternam nas expressões da ordem, quer dizer então que estamos diante de expressões em variação? Eu sei, eu sei, isso é um prato cheio para os sociolinguistas variacionistas, mas como é que eles trataram desse tema?

Vamos por partes.

Com respeito à primeira pergunta, olhando os dados, o imperativo mais parece uma corda bamba estendida entre o discurso (mais propriamente, um ato de fala ilocutório) e a gramática (mais propriamente, as flexões verbais). Dependurados nessa corda estamos nós, falantes, linguistas, gramáticos – ou seja, toda a nação brasileira! Os dados apontam para uma disputa entre o indicativo e o subjuntivo nas sentenças imperativas, e por isso as atenções se voltaram para esse fato. Isso nos leva à segunda questão.

O tratamento variacionista da dupla indicativo/subjuntivo na indicação da ordem envolveu muita gente, entre outros Scherre (2004, 2007), Paredes Silva / Santos / Ribeiro (2000) e Henrique Braga (2008).

Os seguintes grupos de fatores têm sido escolhidos para a pesquisa, segundo Henrique Braga (2008):

(1) Fatores do sistema gramatical: (i) substituição progressiva de *tu* por *você*; Faraco (1986) provavelmente foi o primeiro a se referir esse fator; (ii) preenchimento e ordem do sujeito; (iii) posição proclítica do clítico em *Agora se manda!*, enclítica em *Deixe-se disso!*.

(2) Fatores do sistema discursivo: (i) tipo de tratamento dado ao interlocutor, se *tu* ou se *você*; (ii) tipo de relação entre os interlocutores, se formal ou se informal; (iii) relação de simetria ou de assimetria entre os locutores; (iv) gênero discursivo de que procedem as ocorrências.

(3) Fatores do sistema semântico: polaridade afirmativa ou negativa da sentença simples imperativa.

Pesquisando em peças teatrais escritas entre 1850 e 1875, Henrique Braga (2008) concluiu o seguinte:

(1) Sistema gramatical:

(i) O imperativo não dispõe de formas próprias no PB. Ao apresentar uma lista de morfemas de imperativo, nossas gramáticas retratam uma época que já passou.

(ii) A esperada ausência do sujeito nas sentenças imperativas não se confirmou: em lugar de *Ø Vá à padaria e traga oito pãezinhos*, é mais frequente ***Você** vá na padaria e traga oito pãezinhos*.

(iii) As formas do indicativo predominaram sobre as do subjuntivo, sendo favorecidas quando o sujeito é *tu*, e apenas ligeiramente quando ocorre um pronome proclítico: *Tu **cala** essa boca, senão vai preso!*

(iv) As formas de subjuntivo ocorrem com o sujeito *você* e *o senhor*, com peso relativo quase categórico, e ligeiramente quando ocorre pronome enclítico: *Você **cale** essa boca! **Cale-se!***

(v) Comparando a seleção do indicativo e a do subjuntivo, constata-se que há uma mudança em curso.

(vi) Há um enfraquecimento da relação de concordância entre o pronome sujeito e a forma verbal.

(2) Sistema semântico:

(i) A polaridade negativa favorece a emergência do subjuntivo, ao passo que a polaridade positiva favorece a emergência do indicativo: *Ora, adeus, não me **aborreça**!/**Cala** a boca!*

(3) Sistema discursivo:

(i) Os atos ilocutórios próprios às sentenças imperativas compreendem no *corpus* examinado o comando cordial, o comando rude, o conselho, a súplica e o pedido de desculpas.

(ii) Relações de intimidade favorecem o uso do indicativo.

(iii) Nas relações entre superior e subordinado, ou entre subordinado e superior, predomina o subjuntivo.

Dando um balanço em seus achados, Henrique Braga (2008: 147) notou que os fatores determinantes do que se apurou flutuam ao longo dos períodos históricos examinados. No primeiro período, foram os fatores semântico-pragmáticos que justificaram as escolhas entre o indicativo e o subjuntivo jussivos. No segundo período, foram os fatores gramaticais e, no terceiro, de novo os fatores semântico-pragmáticos. Essas conclusões encerram um ganho teórico evidente: (1) a mudança linguística não é teleológica, não converge para um dado fim; (2) a mudança linguística não é unidirecional, conforme tenho postulado (Castilho, 2007).

Especificamente quanto à posição do pronome-sujeito, Scherre (2004) apurou que a posposição favorece o imperativo na forma subjuntiva, ao passo que a anteposição favorece o indicativo:

(146)

a) ***Faça** <u>você</u> o trabalho, eu estou cansado.*

b) *<u>Você</u> **faz** o trabalho, eu estou cansado.*

4. O condicional: modo ou tempo?

Anteriormente à Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira, a famosa forma em {-ria}, a que Câmara Jr. (1968b) dedicou todo um livro, era considerada como um modo, o *condicional*, alinhando-se com o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

A NGB retirou a coitadinha de entre os modos, incluindo-a entre os tempos, com o rótulo de *futuro do pretérito*.

Ora, o rótulo *condicional* retrata seu lado modal, visível quando ele figura na sentença complexa condicional, como em (147a). O rótulo *futuro do pretérito* retrata seu lado temporal, quando essa forma figura na sentença complexa substantiva, como em (147b):

(147)

a) *Se eu pudesse, eu **comeria** todo o doce de leite do mundo!*

b) *Ela disse que me **daria** doce de leite de sobremesa.*

Como tudo o mais, a forma em {-ria} é polifuncional, atuando como modo ou como tempo. O que se nota é que a pergunta "modo ou tempo?" que agitou as mentes encerrava uma falsa questão. Não há resposta que alegre os povos quando a pergunta está errada.

5. Auxiliares modais

Os auxiliares modais também derivam de verbos plenos:

(148)

a) *Tudo **posso**, mas nem tudo me convém.* (cf. ***Posso comer** doce de leite, vocês é que não deixam*)

b) ***Quero** mais doce de leite.* (cf. ***Quero comer** mais doce de leite*)

c) ***Devo**, reconheço, pagarei quando **puder**.* (cf. ***Devo pagar** minhas contas, quando **puder arranjar** o dinheiro*)

Também esses auxiliares estão em processo de cliticização no PB:

(149)

a) *Pode parar com isso!* → ***popará** com isso!*

b) *Quer parar com isso?* → ***quepará** com isso?*

Faça uma pesquisa para entendermos por que *dever* aparentemente ainda não entrou nessa dança. Para uma elaboração sobre a gramaticalização dos modais, veja Bybee / Perkins / Pagliuca (eds. 1994: 176-242).

10.2.3. DISCURSO E VERBO: O VERBO NO TEXTO

Os estudos sobre o papel discursivo do verbo demandaram a postulação de categorias propriamente textuais, para que se enriquecesse a mirada de gramáticos e linguistas a respeito dessa classe (Castilho, 1978c, 1984c). As categorias do texto foram examinadas no capítulo "A conversação e o texto".

Antes de o discurso entrar na dança, as observações sobre o verbo ocorriam timidamente, como apêndices das pesquisas verbo-sentenciais. Nessa fase de namoro, foram identificadas as seguintes categorias: